

**A EROÇÃO DO ENSINO COMO PREDISPOSIÇÃO DE CENÁRIO POLÍTICO-SOCIAL PARA A
ASCENSÃO DE REGIMES AUTORITÁRIOS**

Débora Boeing Saibert¹

Enzo M. M. do Nascimento²

Ester Kélita Barros Sousa³

Kelly Fernanda Rezer⁴

Cláudio Silveira Maia⁵

RESUMO

É consenso que quando o ensino é estimulado, bem como a autonomia intelectual, gera-se condições para melhor desenvolvimento da sociedade na qual seus cidadãos estão inseridos. Nesse contexto, tem-se uma abordagem do efeito contrário. Se a educação é tão poderosa a ponto de transformar beneficentemente uma sociedade quando incentivada, quando restrita a um determinado grupo tornar-se-ia ela uma arma para atingir os interesses particulares dos supracitados, formando uma sociedade em que a educação não é um direito, mas um instrumento de coerção utilizado por uma *oligarquia intelectual*. O presente artigo, cujo método de pesquisa foi essencialmente bibliográfico, objetivou explicitar ciclicamente (em metáfora ao próprio sistema) como se deu/dá a predisposição de um cenário político-social para a ascensão de regimes autoritários se restringido o conhecimento de uma população votante. A conclusão é que, uma vez que uma determinada elite se mantém no poder através da restrição da educação, é emergente a quebra de tal ciclo vicioso através da mobilização coletiva, buscando a autonomia intelectual dos eleitores que, por sua vez, não delegarão o poder de representá-los a um autocrata que visa somente representar os seus próprios interesses.

¹ Acadêmica do curso de Bacharelado em Direito da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Guarantã do Norte-MT; e-mail: deboraboeing8@gmail.com.

² Acadêmico do curso de Bacharelado em Direito da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Guarantã do Norte-MT; e-mail: en.zo.morais77@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de Bacharelado em Direito da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Guarantã do Norte-MT; e-mail: esterkelita7@gmail.com.

⁴ Professora Mestre e orientadora no Programa de Iniciação Científica da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Guarantã do Norte-MT; fabiana.rezer@ajes.edu.br.

⁵ Professor Doutor e Mestre em Estudos Literários, colaborador e revisor dos textos publicados neste Caderno. Diretor de Ensino da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Guarantã do Norte-MT; claudio@ajes.edu.br.

Palavras-Chave: Educação. Autoritarismo. Mobilização da População.

1. INTRODUÇÃO

Como é de conhecimento empírico, quando incentivado o exercício do pensamento, os cidadãos deixam de compor uma sociedade afeita de imposições elitistas, adquirindo senso crítico, caminhando assim para uma autonomia de pensamento generalizada.

Partindo do pressuposto de que “o homem forma o homem”⁶ e tendo ciência de que a educação é parte fundamental na formação do ser, quando um governante negligencia formas dignas de ensino, a população receptora dessas políticas fragmentadas acaba ficando vulnerável intelectualmente, abrindo espaço para um eventual regime autoritário, uma vez que, dificilmente, esta saberia reconhecer a sua face.

Segundo Nelson Mandela⁷, “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. O que adquire um entendimento ambíguo quando se pensa de maneira mais aprofundada na temática: se a educação é uma tão poderosa arma transformadora, ao restringir-se o seu uso pode-se diminuir a autonomia intelectual, alienando assim o livre-arbítrio racional de uma população.

Dessa forma, essa população majoritária acaba sendo submetida aos interesses sociopolíticos e econômicos de um grupo privilegiado, detentor do conhecimento que fora restringido, corroborando a manutenção de um sistema no qual a educação atua como um meio de dominação.

Na obra de George Orwell⁸, “Revolução dos Bichos”, retrata-se de forma alegórica o contexto histórico da Revolução Russa, apresentando um regime composto por animais que se rebelaram contra a espécie humana e sua exploração, e que intencionaram criar, inicialmente, uma sociedade sem classes sociais. Todavia, no decorrer da narrativa, os bichos acabam conflitando entre si de forma que o conhecimento adquirido por alguns acaba sendo usado como instrumento de coerção para atingir os interesses particulares de uma “Oligarquia Intelectual”.

O fictício supracitado e os diversos regimes autoritários e totalitários que ocorreram no decorrer das décadas têm muito em comum, estes, apesar de ocorrerem em lugares e tempos diferentes, partilham da mesma fórmula: manipulação de informações decorrente da

⁶ REIS, Natália. **A Multideterminação do Humano: Uma Visão Em Psicologia**, Disponível em: https://www.academia.edu/7769071/A_multideterminação_do_humano_uma_visao_em_Psicologia. Acesso em: 07 out. 2019.

⁷ GOMES, Patrícia. **A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo – Nelson Mandela**, Disponível em: <https://www.revistaprosaveroarte.com/a-educacao-e-a-arma-mais-poderosa-que-voce-pode-usar-para-mudar-o-mundo-nelson-mandela/>>. Acesso em: 07 out. 2019.

⁸ ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1945.

precarização das políticas educacionais; tal manipulação constitui-se em instrumentos usados a fim de controlar a população mediante uma determinada causa ideológica e um inimigo externo.

Fomentando tal discrepância e a dicotomia maniqueísta, os governantes constroem um cenário perfeito para a atuação da sua figura mascarada de *Herói da Nação* ante a um conflito na maioria das vezes ilusório e criado por eles mesmos, o que deixa o questionamento atemporal de quanto dura uma democracia.

2. A CRISE ÚTIL

É de primazia esclarecer que a baixa escolaridade presente em todos os momentos da história atuou e ainda atua como verdadeira aliada dos governantes em momentos de crise, para que estes venham a emergir com soluções rápidas e desvairadas. Para entender de fato a temática abordada, é necessário saber quando e como inicia-se o consentimento da sociedade em relação ao autoritarismo, uma vez que, sem este consentimento, não é possível a sua ascensão.

Após a 1ª Guerra Mundial (1914-1918) da qual a Alemanha não saiu vitoriosa, o Tratado de Versalhes, acordo de paz que encerrou oficialmente o conflito, forçou o país a assumir todos os custos deste litígio. Os alemães não esperavam um acordo tão rigoroso e se sentiram humilhados.

A incapacidade psicológica alemã para aceitar a derrota e as reparações criou um terreno extremamente fértil para o crescimento de um nacionalismo radical, do qual o nazismo seria a expressão mais extrema”, diz o historiador argentino Andrés Reggiani, especialista em nazismo.⁹

Essa crise financeira, apesar de terrível, ainda não era suficiente para ascender o nazismo. Neste caso, evidencia-se o forte ideal nacionalista vindo desde o primeiro chanceler prussiano Otto Von Bismarck, o qual inventou a identidade germânica juntamente com o pensamento antisemita e a aversão à democracia pelos partidos políticos e pelo próprio povo como agravantes.

Estas condições geraram uma crise sem precedentes no qual o estopim foi a noite de 27 de fevereiro de 1933 em que o edifício do *Reichstag* foi incendiado e o holandês comunista, Marinus Van der Lubbe, foi, convenientemente, encontrado no interior do edifício, este foi preso e acusado de iniciar o incêndio. O evento teve um efeito imediato sobre milhares de anarquistas, socialistas e comunistas em todo o Reich, muitos dos quais foram enviados para o campo de concentração de Dachau.

⁹ABRIL, **Nazismo: o lado oculto do Terceiro Reich (Grandes Mistérios)**, São Paulo, 2013. p. 86.

Formado o ambiente propício, em 14 de Julho de 1933, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, com a alcunha *Partido Nazista*, o qual tempos antes nem detinha uma representação significativa, é declarado partido único da Alemanha através de um Decreto-Lei, estabelecendo assim uma ideologia macabra, mas, que se apresentou como uma solução ante uma sociedade ignorante em crise.

O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães constitui o único partido político da Alemanha. Aquele que tentar manter ou formar um novo partido será punido com trabalhos forçados por três anos ou com prisão de seis meses a três anos, se a ação não estiver sujeita a penalidade maior, em conformidade com outros regulamentos¹⁰. (ALEMANHA, Decreto-Lei contra a Fundação de Novos Partidos, 14 de julho de 1933, *Gleichschaltung*).

Partindo desse lugar europeu para um mais familiar, faz-se imprescindível citar o Golpe Civil-Militar de 1964, o qual redefiniu o painel político, social, econômico e cultural dos brasileiros pelas duas décadas que se seguiram.

De acordo com a professora Michele Viviane Godinho¹¹,

[a] pesar de ter ocorrido nesta data, o golpe passou a ser arquitetado muito cedo, desde as primeiras medidas de João Goulart. O cenário de sua posse em 07 de setembro de 1961 já era conturbado, repleto de desestabilidade política, inflação, esgotamento do ciclo de investimentos do governo Juscelino Kubitschek, grande desigualdade social e intensas movimentações em torno da questão agrária.

Ante as circunstâncias e de acordo com suas tendências políticas, declaradamente de esquerda, Jango apostou nas Reformas de Base para combater os desafios lançados a seu governo, as quais propunham diversos reajustes: urbano, bancário, eleitoral, universitário e do estatuto do capital estrangeiro. Dentre as expostas, três incomodavam de forma especial à direita:

A reforma eleitoral colocaria novamente no âmbito político o Partido Comunista e permitiria que analfabetos finalmente votassem, o que representava 60% da população brasileira. Essas medidas poderiam provocar grandes mudanças no equilíbrio dos partidos políticos dominantes naquele período.

Outra reforma que não foi bem vista pela direita era do estatuto do capital estrangeiro, a qual também provocou polêmica ao propor nova regulamentação para a remessa de lucros para fora do Brasil. Além disso, propunha a estatização da indústria estratégica. Mas nenhuma

¹⁰ ALEMANHA, **Lei contra a Fundação de Novos Partidos**, 14 de julho de 1933, *Gleichschaltung*.

¹¹ Texto publicado no blog Sarrafo Atômico pela Professora Michelle Viviane Godinho, Mestre em Educação (UFMG, 2012), Especialista em História e Culturas Políticas (UFMG, 2008, Graduada em História (PUC-MG, 2007). Disponível em: https://sarrafoatomico.blogspot.com/2018/03/31-de-marco-o-golpe-de-1964-e_30.html.

destas foi alvo de tantos questionamentos e mitos quanto a proposta de implementação da reforma agrária.

Tendo o Brasil uma histórica estrutura latifundiária, essa reforma afetaria diretamente esse pilar. Para os grupos economicamente hegemônicos, tais propostas eram alarmantes não apenas por serem defendidas pelo Presidente da República, mas porque naquele momento a esquerda encontrava-se unida, organizada, e difundida em todo o território nacional, tendo forte presença no meio político.

Em 31 de março de 1964, sob o pretexto de “ameaça comunista”, foi realizado o golpe que contou com apoio da referida elite e levou à deposição de João Goulart, fazendo-se instalar no país uma ditadura militar que durou até o ano de 1985¹².

Neste período, ocorreram atos tão esdrúxulos que iam desde banimentos por simples manifestação de pensamento contrário ao ditado pelo governo às prisões arbitrárias, perseguições e até mesmo censura e torturas de homens e mulheres (nem mesmo as gestantes eram escusas).

Dessa forma, faz-se notório como uma crise, seja ela político-ideológica, econômica ou social, mesmo que não completamente existente, quando bem explorada por uma classe dominante pode tornar-se um perfeito instrumento para impor em uma sociedade alienada seus interesses particulares. Ressalva-se que isso só se torna possível em uma sociedade majoritariamente alheia de autonomia intelectual. Com efeito, “a escravidão voluntária lubrifica a máquina oligárquica com alienação, suor e sangue. Ao povo, o trabalho. Aos mandatários, o lucro.”¹³

3. INIMIGO DA NAÇÃO

Em todo regime autoritário que se consolida há a presença de um inimigo externo. Alguém que seja um perfeito corpo vazio para que nele seja depositada a culpa de todo e qualquer erro que levou à crise utilizada para a ascensão, bem como os eventuais erros que possam e vão ocorrer dali pra frente.

Todavia, a manutenção desse artifício requer, novamente, um controle sobre a população; esse trabalho é um exímio controle da intelectualidade, o qual pode ser realizado através dos métodos mais clássicos vistos ao longo da história: a restrição de acesso a livros que venham a questionar ou contradizer a ideologia imperante e a manipulação da mídia.

¹² GOMIDE, Rafael. Com arquivos e áudios da Casa Branca, filme revela apoio dos EUA ao golpe de 64. **Último Segundo**, 2013. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013-03-15/com-arquivos-e-audios-da-casa-branca-filme-revela-apoio-dos-eua-ao-golpe-de-64.html>>. Acesso em: 07 out. 2019.

¹³ VENÂNCIO, Renée (político filiado ao PSD – Partido Social Democrático)

Citando novamente a *Revolução dos Bichos* de George Orwell, há ali uma pilhéria escancarada da Revolução Russa. Nela, os animais da Granja do Solar se reúnem para um discurso de um porco, nomeado como Major por todos. Este, diz que o atual dono da granja, Jones, já fora um bom dono, mas que agora está em decadência. E salienta que os animais trabalham para o bem dos humanos, e não para o seu próprio bem.

Este porco representa a ideologia do Socialismo que chegou à Rússia e foi a principal medida que levou à Revolução. Jones representa o Czar, imperador que governava a Rússia antes da Revolução. Após o Major morrer, dois porcos entram no poder: Bola-De-Neve e Napoleão. Os porcos fazem alusão aos políticos russos e suas divergências.

Estes comandam a revolução dos bichos e destituem Jones do poder, começando a governar a Granja do Solar, mudando seu nome para “Granja dos Bichos”, e estabelecem 10 mandamentos que todos os animais deveriam seguir. Porém, ao conflitarem acerca da expansão do regime, Napoleão expulsa Bola-De-Neve da Granja, acusando-o de traição, e se torna líder dos animais, tal como na Revolução Socialista, onde os Bolcheviques entram no governo que antes era provisório e governado pelos Mencheviques.

A partir daí, Bola-de-Neve torna-se o inimigo dos animais da granja, todos os atos errôneos, acidentes e imprevistos, mesmo os evidentemente causados por Napoleão, tornam-se culpa daquele primeiro porco. Todos os animais se revoltam contra ele e o amaldiçoam sem que Bola-de-Neve tivesse feito qualquer coisa:

— Camaradas — disse lentamente —, quem é o responsável por isto? Sabem quem foi o inimigo que, na calada da noite, destruiu nosso moinho de vento? BOLA-DE-NEVE! — rugiu violentamente com voz de trovão. — Bola-de-Neve foi o autor disto! Com rematada maldade, pensando em destruir nossos planos e vingar-se de sua ignominiosa expulsão, esse traidor penetrou até aqui, sob o manto da escuridão, e destruiu nosso labor de quase um ano. Camaradas, neste local e neste momento, pronuncio a sentença de morte para Bola-de-Neve.¹⁴

Bola-de-Neve como legítimo inimigo externo do governo passa a ser usado como desculpa de todas as práticas deste, as quais não se logravam êxito; ao passo que Napoleão (líder) contradizia todos os dizeres dos mandamentos dos animais, visando interesse próprio. Em diversos momentos da obra, as diretrizes são mudadas, apagadas, relativizadas em prol dos porcos.

Esses se tornam cada vez mais parecidos com o antigo governo de Jones. Os porcos contrariando a ideia do “animalismo” tornaram-se tão semelhantes aos humanos que até mesmo aprenderam a andar (Metáfora da obra referente aos rumos que o governo tomou).

¹⁴ ORWELL, George. *Revolução dos Bichos*. Reino Unido, 1945. p. 74.

O mesmo aconteceu com o partido Bolchevique, que contrariou a ideologia que eles seguiam: o Socialismo. Tudo pelo que lutaram contra, foi exercido por eles próprios posteriormente.

Ao analisar outra obra igualmente importante deste autor, evidencia-se novamente a praxe do caráter antagônico propagado por esses sistemas tão divergentes um do outro e ao mesmo tempo, semelhantes.

Em 1984, o autor demonstra um Estado em que todos os meios de comunicação são controlados, os cidadãos a todo tempo são vigiados por meio de “teletelas”, ademais, são reservados tempos para exercerem o ódio pelo antagonista desta sociedade, ao passo que o “Grande Irmão” é exaltado como figura heroica:

Mais um instante, e um guincho horrendo, áspero, como de uma máquina monstruosa funcionando sem óleo, saiu da grande teletela. Era um barulho de fazer ranger os dentes e arrepiar os cabelos da nuca. O ódio começara. Como de hábito, a face de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, surgira na tela. Aqui e ali houve assovios entre o público. A mulherzinha de cabelo cor de areia emitiu um uivo misto de medo e repugnância. Goldstein era o renegado e traidor que um dia, muitos anos atrás (exatamente quantos ninguém se lembrava) fora uma das figuras de proa do Partido, quase no mesmo plano que o próprio Grande Irmão, tendo depois se dedicado a atividades contrarrevolucionárias, sendo por isso condenado à morte, da qual escapara, desaparecendo misteriosamente. O programa dos Dois Minutos de Ódio variava de dia a dia, sem que porém Goldstein deixasse de ser o personagem central cotidiano. Era o traidor original, o primeiro a conspirar a pureza do Partido.¹⁵

Partindo do lugar da ficção para um pequeno lugar na história, volta-se ao período da Alemanha Nazista, para que, de forma mais realística, explicita-se como ocorreu essa dicotomia maniqueísta nesse período tão perturbador.

“*Bücherverbrennung*”, em alemão: queima de livros. No dia 10 de maio de 1933, em Berlim, ocorreu a queima de livros considerados como nocivos pelo regime nazista. Bibliotecas foram saqueadas e milhares de exemplares com teor crítico ou que se desviasse dos padrões impostos pelo regime nazista foram destruídos.

Centenas de milhares de livros foram queimados no auge de uma campanha iniciada pelo diretório nacional de estudantes. Semanas após esse ato, queimas semelhantes, que tinham dia e hora marcadas e eram abertas com discursos inflamados e acompanhadas de

¹⁵ ORWELL, George. 1984. Reino Unido, 1949. p. 09.

bandas de música, reforçando seu caráter ritualístico de propaganda do regime nazista, — ocorreram, em Berlim e em outras cidades.

“Ameaça comunista”, “livros nocivos”, “Bola-de-Neve”, “Emmanuel Goldstein” embora tivessem suas particularidades, todos foram usados com o mesmo objetivo: unir uma população ignorante por um ódio em comum. Um corpo errante a quem culpar. Precariza-se cada vez mais suas fontes de informação e restringe-lhe o conhecimento, tornando o povo um fantasmagórico elenco de um espetáculo de ventriloquismo político-ideológico.

Sem dúvida, trata-se da ideologia reforçada em detrimento do conhecimento. Isso se repetiu em toda a trajetória do autoritarismo. A intolerância não tem lugar onde há o conhecimento e, por conta disso, líderes de tal regime suprimem o segundo.

Devido a uma extensa teia de ilusões ideológicas vazias e alucinadas, muitos dos governados não só corroboravam para a manutenção de tal regime, como se viam parte integrante da classe dominadora, mesmo sendo explicitamente limitados à condição de dominados.

Nesse contexto, apesar de uma certa ironia presumida, cabe o dito pelo patrono da educação brasileira, Paulo Freire: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”¹⁶. Haja vista, que estes primeiros referidos, metaforicamente falando, veem mas não enxergam a imposição, a dominação. Encontram-se vendados a uma realidade a qual defendem veementes e a qual anseiam manter. “O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”¹⁷.

4. PSEUDO-HERÓI

Por mais que o sistema republicano vigente tenha se popularizado em todo o globo desde a revolução francesa, o cenário político-econômico-social atual ainda apresenta forte contraposição de uma classe perante outra, provando uma falha nos meios democráticos vigentes, já que o direito ao voto encontra-se fragilizado pelo fato de que o direito à educação é ignorado. De fato:

O descaso para com as políticas educacionais fere o sistema de “cooptação e representação”, já que essa linha filosófica entende que os meios de questionamento das necessidades políticas são exclusivamente em formatos representativos, sendo esse o fulcro da própria tese. Porém, como os existem vestígios históricos da dominação, o Estado tende a “ouvir” apenas os

¹⁶ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

¹⁷ BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo. Vol 2: A Experiência Viva**. Difusão Europeia do Livro, 1967.

interesses sociais de classes privilegiadas, pois ambos têm uma história de aproximação que se concretiza através dos meios educacionais.¹⁸

Na obra *O Príncipe*, do italiano Nicolau Maquiavel, através de análise, pode-se desfrutar de teorias sobre o motivo de políticas educacionais não serem realizadas em países subdesenvolvidos, sendo uma das mais aceitas a utilização de propostas educacionais como formas de campanhas políticas, uma vez que grande parte da população tem ciência das reformas necessárias que tal seara deveria receber, mas que não recebe, o que mais uma vez distancia o direito ao voto do direito ao conhecimento, já que ambos, de forma indireta, se completam.¹⁹

Diante a destacada urgência de reformas no âmbito educacional que diversos países enfrentam, surge a figura já citada de *herói da nação*, através de subterfúgio chamado *populismo*. O populismo²⁰ nada mais é do que um conjunto de atos feitos (ou atuados) por uma figura política, que combinados com o enfraquecido discernimento de um povo, gera uma mitificação de certa figura política ou de seu partido, fazendo assim que os laços políticos entre os votantes e os votados sejam de cunho emocional e não de base racional. Conquistase a confiança do povo, o que permite que se exerça um autoritarismo consentido, uma dominação que não é percebida por quem é dominado.

No Brasil, Getúlio Vargas é o exemplo maior do populismo. Apesar de toda a repressão exercida por Vargas conseguiu ser democraticamente eleito pelo povo o que mostra sua popularidade diante das grandes massas. Seu “interesse” pelos pobres, o que o levou a ser apelidado de “pai dos pobres”, dá uma dimensão do populismo assumido por Getúlio Vargas. [...] Estas massas vindas de diferentes lugares tinham dificuldades de organizar-se e, assim, preferiam confiar seus anseios àquele que se dizia um amigo, o líder populista.²¹ (ARAÚJO, Francisca Socorro. **Populismo**).

Tal ferramenta não seria possível sem os diversos danos que a educação sofre, fazendo com que a educação de qualidade seja menos acessível e, portanto, indo contra o amadurecimento crítico da população, já que para adquirir o amadurecimento, segundo a filosofia kantiana, existe um processo de *esclarecimento*, onde a menoridade (imaturidade) é a falta de entendimento sobre os próprios atos e só é possível chegar à maioridade

¹⁸ SCHARTZMAN, Simon. **As Bases do Autoritarismo Brasileiro**. Rio de Janeiro-RJ: PUBLIT SOLUÇÕES EDITORIAIS, 2007. p. 246.

¹⁹ MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Antônio Cauciacaporale. Porto Alegre: L&PM Pocket 2011.

²⁰ SORJ, B.; ALMEIDA, MHT. (Orgs.) **Sociedade política no Brasil pós-64** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 385. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

²¹ ARAÚJO, Francisca Socorro, **Populismo**. Disponível em:< <https://www.infoescola.com/politica/populismo/>> acesso em 18 out. 2019

(maturidade intelectual) através da busca pelo conhecimento, chegando assim ao pleno estado de entendimento sobre os próprios atos e vontades, tornando-se autêntico.²²

Já que esse processo em busca do desenvolvimento é fortemente retardado pelas razões socioeducacionais já citadas, o povo estende-se imaturo perante o poder governamental, o que cria um círculo vicioso onde a própria população não tem o discernimento para se defender dessas características históricas e sistemáticas, sendo assim, continua sofrendo com esse sistema no passar dos anos, ainda através da história, já que os indivíduos não só recebem traços da história de uma sociedade como participam dos seus futuros traços.

O filósofo Thomas Hobbes²³ em sua obra fundamental, *Leviatã*, já abordava questões relativas a uma obediência incondicional por parte da sociedade para com seu governante, permitindo, deste modo, garantir a ordem social e a segurança desta, evitando o cenário brutal e abstrato da guerra de todos contra todos. Porém, essa obediência incondicional defendida pelo autor, se daria de maneira racional. Em sua concepção mais hodierna, por outro lado, o autoritarismo busca diminuir a racionalidade entre os indivíduos que compõem a sociedade, na tentativa de levá-los a um estado de alienação e submissão cegas aos ditames do Estado.

Nesse sentido, é de praxe do autoritarismo negar concepções políticas associadas a valores como a igualdade entre os homens. De maneira oposta, geralmente percebe-se a desigualdade como algo orgânico, de modo que a concepção radical de hierarquia é justificada como sendo um resultado natural da vida em sociedade.

Para que se obtenha sucesso na aplicação destes princípios supracitados, muitas vezes recorrem à supressão da participação popular na vida pública, a imposição de uma obediência incondicional e a utilização de medidas coercitivas, com o intuito de instaurar um ambiente de medo e controle ordenado. Afastar as pessoas da vida política e acreditar nos instrumentos de coerção do Estado é extremamente comum em regimes autoritários. *In continuum*, é de demasia importância salientar que a educação quando imersa em um meio social que a todo o momento a deprecia relaciona-se diretamente com o descaso pra com o exercício do voto, o qual acaba perdendo sentido e impacto merecedor.

A educação é harmônica com, resumidamente, qualquer melhora ou evolução que uma sociedade passa, porém, quando dissecamos a sociedade de seu Estado, notamos que existe, de certa forma, um abismo alegórico entre os ideais e a realidade, e quando entramos no mérito eleitoral, qual, indubitavelmente, é a máxima do exercício da cidadania de um

²² CONTI, Thomas. **Immanuel Kant**: Que é Esclarecimento? Disponível em: <http://thomasvconti.com.br/2013/immanuel-kant-que-e-esclarecimento/> Acesso em: 06 out. 2019.

²³ HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

indivíduo, percebe-se que o voto é diretamente condicionado às raízes históricas e culturais de um povo.²⁴

No entanto, com o crescimento de movimentos apolíticos e o aumento gradativo de ameaças à educação, notamos que o direito e o ato do voto são atingidos pela capacidade intelectual de seus titulares e, obviamente, de suas vontades individuais e raízes históricas/culturais.

Por sua vez, o voto tem parte de seu sentido esvaziado, já que sem a educação necessária, os votantes ficam inertes e tornam-se suscetíveis a elegerem um líder tirano, devido ao vício paradoxal que é esse círculo de descaso educacional.

5. MISDIRECTION E O VENTRILOQUISMO POLÍTICO

Misdirection, em português: desorientação. Na magia teatral, esta é uma forma de engano, na qual o artista chama a atenção do público para uma coisa para distraí-la de outra. Comandar a atenção do público é o objetivo de todo teatro e o primordial requisito de todos os atos mágicos. Desde um "truque de bolso" a uma grande produção de palco, a desorientação é o segredo central.²⁵

Nevil Maskelyne²⁶ ainda em inícios do século XX descreve este termo como algo que "consiste em admitir enganar os sentidos do espectador, a fim de ocultar da detecção certos detalhes qual sigilo é necessário".

A política, como verdadeira produção teatral que é, faz, a todo momento, uso dessa técnica. Dessa forma, utiliza decisões cujo cunho se configura como verdadeiro absurdo ante a sociedade para gerenciar sua atenção para este plano, em simultaneidade, realiza decisões importantes ao seu modo sem que seja percebido.

Os cidadãos, indignados com os absurdos aparentes do governo, organizam protestos e passeatas na tentativa de revogarem tais decisões-fachadas, e quando o fazem, orgulham-se de terem participado minimamente de uma falsa condução do país. Quanto às verdadeiras decisões, essas são passadas despercebidas por uma população a qual as assiste bestificada e que se delega cada vez mais a condição de mera plateia que, cegamente, aplaude o espetáculo político.

Exemplo claro desses atos absurdos tem-se no governo de Jânio Quadros, visto como um dos maiores expoentes do período populista no Brasil. [...] esse, em seu mandato adotou medidas como proibição da realização de desfiles de biquíni, a realização de rinhas de galo, além

²⁴ SAMPAIO, Américo. **É preciso romper as travas da soberania popular no Brasil**. São Paulo: Biblioteca Virtual Le Monde Diplomatique Brasil, 23 fev. 2016.

²⁵ ÁVILA, Guilherme. **A arte mágica: a percepção em perspectiva**. Brasília: Kiron, 2012.

²⁶ MASKELYNE, Nevil. **Nossa magia: a arte da magia, a teoria da magia, a prática da magia**. Nova Iorque: EP Dutton&Co. 1911.

de limitar as corridas de cavalo para os fins de semana e proibiu o uso de lança-perfume.²⁷

Dessa forma, com as políticas educacionais fragilizadas e o ciclo preestabelecido, a população, restrita de sua autonomia intelectual, torna-se um instrumento de defesa do governo, que atua sobre eles como um ventríloquo sobre seu boneco impondo-lhes suas vontades e manipulando cada movimento ao passo de *cada puxada de linhas* nessa massa de marionetes. O efeito disso é o esfacelamento da identidade própria e da autonomia. Pior que isso: os manipulados não se reconhecem como alienados, por fazerem parte desta sociedade dogmática. Karl Marx os chamaria de meras coisas a serviço do capital.

Desse modo se faz também na política, uma vez que o indivíduo deixa de fazer parte dela e passa apenas à coisa: um instrumento usado e manipulável, tornando-se ferramenta na produção utilizada pelos manipuladores. Os cidadãos estão expostos aos chefes de governo da mesma maneira em que os bonecos dependem do ventríloquo, tudo que os governantes impõem à população sem senso crítico será aceito e repassado adiante dando mais sentido ainda à frase “uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”²⁸, de Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Adolf Hitler na Alemanha Nazista, que exercia severo controle sobre as instituições educacionais e os meios de comunicação.

No ambiente político, tem-se um material essencial, que é a credibilidade. Esta é matéria-prima nessa área, um capital deveras simbólico. A mídia é o meio de produção desse capital, podendo construí-lo ou destruí-lo. Contudo, quando se fala em mídia como quarto poder é necessário especificar que assim denominado trata-se de um poder usurpado, uma vez que a mídia, *pretensa e itinerante*, o tomou para si, como se tal fosse ou devesse, em que pese o ridículo disso, ser legitimado naturalmente pelo povo na sociedade democrática.

A produção da mídia televisiva teve início num momento de afirmação do capitalismo empresarial no país, e como parte evidentemente pertencente a esse sistema, vendeu e vende seus serviços a uma elite que, por sua vez, influenciou e influencia nas políticas de governo, atuando como importante artifício de manipulação no jogo eleitoral, uma vez que a força da mídia não se manifesta apenas em construir a realidade, mas também em ocultá-la ou transfigurá-la, em especial pelos recursos destinados a de forma sempre espetacular maquiagem tudo o que lhe for de interesse. Seguramente, um dos muitos exemplos dessa má influência da mídia deu-se na eleição em 1989 do desconhecido, mas subitamente catapultado pela mídia, o primeiro presidente a sofrer impeachment no Brasil, Fernando Collor de Melo.

Nesses termos, é notório que sem a democratização dos meios de comunicação na base de seus direitos e obrigações torna-se impossível amplificar a democracia no país. Os

²⁷ SOUSA, Rainer Gonçalves. **Governo Jânio Quadros**. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/governo-janio-quadros.htm>. Acesso em 19 de outubro de 2019.

²⁸ GOEBBELS, Joseph. Político alemão e Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista entre 1933 e 1945.

litígios são influenciados pelo poder midiático, enquanto que a maioria dos eleitores vota de forma desavisada e desinformada a respeito dos candidatos. Fernando Collor, afiliado da rede globo nas Alagoas, José Sarney no Maranhão, e mesmo tantos outros políticos na esfera da presidência, dos governos estaduais ou municipais, seja de esquerda ou direita (se é que isso ainda existe no Brasil ...) são exemplos de políticos que se beneficiaram/beneficiam da mídia para se eleger. Não há mais bandeiras nem ideais, só arranjos convenientes em conformidade com a hora e o lugar para beneficiar determinados grupamentos sociais. Que o digam os famigerados irmãos Batista do grupo JBS.

“A massa mantém a marca, a marca mantém a mídia e a mídia controla a massa” (George Orwell, 1903-1950). O enunciado por Orwell²⁹ ainda repercute na sociedade atual, uma vez que a mídia vende um produto ou ideia que a população aceita na maioria das vezes, senão todas, passivamente. Assim, de modo perene, instaurando um ciclo de *democracia maldita e prostituta*³⁰, a mídia controla a massa pelo poder usurpado relegando seus atores a meros fantoches.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS³¹

A expensas de considerarmos a plausibilidade de retomada do passado ou da volta a um futuro apenas imaginário, recitando Orwel, Marx, Freire e tantos outros de antes e do depois, é fundamental nos olharmos no espelho e nos perguntarmos quem somos e o que queremos. Que sociedade e que país nós formamos e integramos?

Há uma infinidade de artigos e livros em formatos os mais diversos que versam sobre o assunto aqui resenhado por acadêmicos que se detiveram para compilar e reintegrar os fragmentos de seu material bibliográfico, com o fito de rejuntá-los de modo a fazer sentido e tonarem-se unidade de reflexão. Afinal de contas, esses estudantes são os representantes de uma sociedade futura ainda não instalada.

É fundamental que se saiba que, sim, o povo ignorante e que não se mexe para deixar de ser ignorante tem pouca ou nenhuma valia diante de um Estado colonialista ainda constituído de castas cujo propósito atemporal é a perpetuação da própria casta.

Políticos brasileiros, indivíduos de poder econômico e parte da mídia nacional representam, infelizmente, a transformação da realidade do país em fabulário. É assim desde o fim da ditadura militar em 1985. Mas também de alguma maneira já o era na época da primeira colonização, da República Velha, do Estado Novo... seguindo-se até JK e Jango.

²⁹ ORWELL, George. 1984. Reino Unido, 1949.

³⁰ Expressão aventada pelo revisor.

³¹ Contribuições do Revisor.

Que país é este em que as instituições parecem ser *seitas fundamentalistas* e estarem a serviço de interesses que se opõem com o propósito de acirrar-lhes as divergências?

E que gente é essa que se coloca prostrada ante uma mídia televisiva, impressa ou do rádio?

A propósito, estamos mesmo sob efeito de uma paralisia intelectual geral, na Era da produção em escala não de produtos, mas de subprodutos de coisa nenhuma. Isso nos mantém inertes, impedidos de um processo de autoconscientização capaz de nos desmobilizar de nossa indiferença e apatia a nós mesmos.

Muito do que hoje está sendo registrado nos livros de História e na imprensa diz apenas de uma movimentação insone e desarticulada, que só faz “dar cambalhotas” numa democracia recém-reinstaurada. Exemplo disso é o próprio processo de promoção da educação no país: cada vez mais sabemos menos para onde estamos indo.

Não faltam as boas intenções, os bons projetos, as boas políticas. Mas falta demais dizer e mostrar como fazer. Também está faltando demais quem queira mais além de pão e circo.

Infelizmente, ainda é importante nos perguntarmos: — Que país é este?!

REFERÊNCIAS

ABRIL, **Nazismo**: o lado oculto do Terceiro Reich (Grandes Mistérios), p. 86, São Paulo, 2013.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Vol. 2. 1967.

CONTI, Thomas. **Immanuel Kant**: Que é Esclarecimento? Disponível em: <http://thomasvconti.com.br/2013/immanuel-kant-que-e-esclarecimento/> Acesso em: 06 out. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Patrícia. **A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo** – Nelson Mandela. Disponível em: <<https://www.revistaprosaveroearte.com/a-educacao-e-a-arma-mais-poderosa-que-voce-pode-usar-para-mudar-o-mundo-nelson-mandela/>> Acesso em 07 out. 2019.

GOMIDE, Rafael. **Último Segundo**, 2013. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013-03-15/com-arquivos-e-audios-da-casa-branca-filme-revela-apoio-dos-eua-ao-golpe-de-64.html>>. Acesso em: 07 out. 2019.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Antônio Caucciocaporale. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as Democracias Morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p. 15.

MARX, Karl. **O capital**: crítica de economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASKELYNE, Nevil. **Nossa magia**: a arte da magia, a teoria da magia, a prática da magia. Nova Iorque: EP Dutton & Co., 1911.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1945.

_____. **1984**. Reino Unido, 1949.

REIS, Natália. **A Multideterminação do Humano**: uma visão em Psicologia. Disponível em: <https://www.academia.edu/7769071/A_multidetermina%C3%A7%C3%A3o_do_humano_uma_vis%C3%A3o_em_Psicologia> Acesso em 07 out. 2019.

SCHARTZMAN, Simon. **As Bases do Autoritarismo Brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2007.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Governo Jânio Quadros**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/governo-janio-quadros.htm>. Acesso em 19 de outubro de 2019.